NATAL

Foto: ABRANTES

SUMÁRIO — NATAL 1942

Obra das Mãis pela Educação Nacional

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 46134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo Gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

N.º 44

BOLETIM MENSAL — PREÇO AVULSO 1$00 — ASSINATURA AO ANO 12$00

Foto SAN PAYÓ

«Que te diz o Menino tão meigo, deitado na Creche, a olhar-te lá dentro de ti, lá dentro... que te diz Êle?»

«...E PAZ AOS HOMENS...»

AINDA êste Natal de mil novecentos e quarenta e dois vem encontrar a terra em ódios e em sangue e em dôr...

Natal do mundo em guerra.

Natal das trincheiras e dos incendios e das destruições... das lágrimas de tanta mulher e de tantos orfãos... das mortes aos milhões... agonias... ruínas...

Senhor! Senhor!

Não foi para isto que Vós nascestes um dia lá em Belém. A paz que os vossos anjos anunciaram por cima dos telhados e ás almas de boa vontade, era verdadeira — é cheia de luz e da tua graça. Se os homens quizerem!... Se os homens quizessem aprender de novo a lição do teu Nascimento e da tua Mensagem!... Se os homens quizessem!

* * *

Natal do Mundo em guerra...

NATAL DE PORTUGAL EM PAZ!

Bendito seja Deus!

Toquem os sinos da Pátria esta alegria e esta felicidade.

Venham anjos dos altos céus cantar com os portugueses esta paz que o Céu nos dá, sem talvez a termos merecido.

E à volta do lenho, nos adros, junte-se a mocidade a bailar e a cantar.

...e à volta dos presépios, ajoelhada, em resa, junte-se a infância dos olhares puros, e corações inocentes e agradeça, a sorrir, ao Menino, que abençôa de lá de dentro da gruta, entre a Senhora e o bom S. José.

Parentes e amigos — a família portuguesa — venha a correr para junto das lareiras e das ceias: caldo e brôas, pão do Senhor, azeite e vinho, fruta do quinteiro — e dêem graças a Deus, agradeçam a festa da Paz...

NATAL DE PORTUGAL EM PAZ!

* * *

Que festa tão linda, ó gentes, que festa tão linda o Nascimento do Menino...

e o mundo em guerra...

e Portugal em paz...

E tu?... É festa também na tua alma?

És cristã e és portuguesa.

O Natal de Cristo é a festa do Emmanuel: DEUS CONNOSCO.

E' o mistério doirado de tôdas as graças: Êle vem por nossa causa, para estabelecer a amizade quebrada entre Deus e o Homem; vem para fazer abraçar n'Êle (Deus-Homem) a divindade e a humanidade.

A paz maior que faltava ao mundo era esta, quando Êle nasceu, há dois mil anos.

Emmanuel! Emmanuel!

DEUS CONNOSCO!

Se tu andares na Sua amizade, se andares na Sua graça — terás a Sua paz.

E' então festa, festa a valêr, êste ano, o Natal de Jesus, na tua alma, na tua vida?

O mundo não tem paz...

Portugal vive e trabalha em paz...

E TU?...

Que te diz o Menino tão meigo, deitado na creche, a olhar-te lá dentro de ti, LÁ DENTRO... que te diz Êle?

* * *

Festa rija na nossa terra.

Tocam os sinos das igrejas e as gaitas-de-foles.

Há romarias e cantares à volta do senhor abade, revestido de rendas e casula nova — que dá o Menino a beijar.

E lá anda êle a salmodiar, na lufa lufa da teia, de um lado para o outro, a estender os braços na alegria imensa de dar o Menino a todos os olhos, a todos os lábios... às almas e aos corações...

Lá estão os sinos a repicar...

Neve branca nos cimos dos montes... Neve branca, como era branca Nossa Senhora.

...Como devem ser brancas todas as almas de raparigas cristãs e portuguesas, em dia de Natal...

E' festa! E' festa, ó gentes!

NASCEU JESUS!

E DENTRO DE TI — é festa?

Nasceu Jesus na tua alma?

G. A.

Foto: MARTINEZ POZAL

«Vimos a sua ESTRÊLA e viemos adorá-lo...» (Do Presépio da Basílica da Estrêla)

DA ESTRÊLA DO NATAL À ESTRÊLA DOS REIS

por Luis Chaves

ARMARAM-SE os presépios. Lá estão as imagens e as figuras da adoração: — o mundo em adoração! No alto, sôbre a arribana, ou a coroar as multidões com o brilho de pupila de ouro de luz, que sorri para os homens, paira a estrêla acesa, quando o sacerdote comovido entoa: *Gloria in excelsis...*

E' de maravilhar a estrêla pendente sôbre a terra, no doce mistério do presépio!

Principia o nosso Natal pela entronização do presépio, tal qual o Natal de Jesus começou pelo nascimento do Filho de Deus. O "oriente do alto", da profecia de Zacarias, ou o sol do oriente, visitou-nos para alumiar os que vivem de assento nas trevas. Veio iluminar-nos com a sua luz.

E a estrêla visível aos homens anunciou a vinda anunciada do Messias.

Quando o anjo se apresentou no meio dos pastores, cercou-os do esplendor da caridade celeste. Refere-se S. Lucas a esta "claridade de Deus", que envolveu os pastores, quando o anjo do Senhor lhes anunciou que o Messias — *sol do Oriente* — acabava de nascer da casa de Davide na cidadezinha de Belém. Não fala na estrêla. Mas, a claridade, que atemorizou os pastores, não proviria da extraordinária estrêla de que fala S. Mateus? O acontecimento astronómico de então, que teria operado a concordância do fenómeno luminoso com o nascimento do Menino Jesus, podia muito bem formar a "claridade de Deus", núncia do Natal.

S. Mateus dá conta da estrêla como guia do caminho dos Magos. Por que não havia de guiar também os humildes pastores? A mesma luz dos caminhos dos humildes e dos orgulhosos, dos pobres e dos ricos, dos ignorantes e dos sábios, teria nascido então, e iluminou para sempre as almas que a viram e compreenderam.

Foram os Magos despertos na noite, exactamente como os pastores, pela "claridade de Deus". Sábios, estranharam o astro, e seguiram-no. Foram parar a Jerusalém, ao palácio de Herodes, e preguntaram-lhe: — *"Onde está o que nasceu Rei dos Judeus?* **vimos a sua estrêla** *no Oriente e viemos adorá-lo"*. Quis o tetrarca saber como e quando lhes aparecera a estrêla. Não a podia êle ver, porque não era digno de tal privilégio, escondeu-se o astro, que o não vissem de Jerusalém.

Sairam da cidade os Magos, a retomarem o caminho, e logo a estrêla fulgurou na sua frente, para se deter com a "claridade de Deus" sôbre a arribana, onde nascera Jesus.

Quando os reis, sacerdotes, sábios, — os *Magos* — viram de novo a estrêla, que se lhes furtara em Jerusalém, "sentiram extraordinária emoção", afirmou S. Mateus (II, 1 a 11).

A "estrêla do Natal" ficou impressa nos presépios, desde que S. Francisco de Assis na noite de 1223 acendeu de círios e archotes a gruta do seu refúgio nas terras de domínio do senhor de Greccio. Nunca mais se apagou. A poesia do santo monge acendeu-a nas montanhas da Umbria, reflectiram-na as águas azuis do lago da Piedeluco, brilhou nas folhas das árvores com matises de neve. E nunca mais se eclipsou dos presépios, que os franciscanos logo semearam pela Europa cristã e pelas terras de missão, aquém e além-mar.

Na "Missa do Galo" acende-se com ela a luz do presépio. Em terras de Miranda do Douro, a "pastorada" era figurada por um anjo, que saia do altar-mor e pela estrêla enorme, pendente do alto da igreja, que o acompanhava até à entrada por onde o povo entrava para a "Missa do Galo„. Nos autos populares, pastoris, nunca falta a estrêla, anunciadora e guia dos pastores e dos magos.

Uma quadra popular, alusiva ao presépio, ou saída de loas, romances, toadas, falas de autos do Natal, canta a estrêla:

A estrêla se escondeu
Por detrás duma estrebaria:
Dentro estava o Deus Menino
E mai-la Virgem Maria

Os romances dos "Reis Magos„ referem-se ao caminho, aos reis, à sombra, que projectam no mundo, iluminados pela estrêla do Natal. A "estrêla do Natal„ ou estrêla do presépio„ sobe no presépio, e conserva-se nêle até acabar o seu reinado: nasce à meia-noite do Natal, quando começa o Natal e com êle o presépio, e põe-se à meia noite do "dia de Reis„, quando o presépio acaba e o Natal findou. Ilumina há dois mil anos as trevas da noite. Nos quadros dos pintores, que representaram o Nascimento de Jesus, ou na gruta de Belém, estrebaria, curral, de abrigo do Menino-Deus, ou no episódio do chamamento dos pastores, no cortejo dos Magos, a luz da estrêla doura os campos, deslumbra os homens, estende pela paisagem da terra os recortes luminosos do céu. Os presépios de figuras de barro ou de madeira não têem outro sol. E' a estrêla que lhes dá luz. Quando os artistas encheram de povo o presépio, todos nós lá ficámos na multidão. Reparemos, que lá estamos: uns no açodamento dos fiéis, que romeiam até ao cantinho humilde, onde está o Menino; outros a ficarem pelo caminho, nas comodidades encontradas, ou na decepção do esfôrço.

O nascimento de Jesus foi festejado pela primeira vez em Roma no ano de 364, e há portanto quàsi dezasseis séculos que na Europa se celebra esta grande festa cristã, pois de Roma se propagou tal comemoração religiosa a todos os países onde havia cristãos.

Fixou a Igreja, para tão grande festa, a data de 25 de Dezembro, ou do solstício de inverno, a mesma época em que todos ou quàsi todos os povos indo-europeus celebravam, desde milénios, o «nascimento do sol» e o mesmo mês em que tradicionalmente se tem considerado que Jesus nasceu.

Assim se aproveitou a remotíssima tradição dessas festas pagãs, porque a Verdade entra melhor nas almas rudes quando se associa ao costume. Por isso comemoramos nesta noite santíssima os «esplendores da verdadeira luz», como diz a oração que se reza na primeira missa do galo. Agora passava portanto a celebrar-se o nascimento de outro Sol noutro Céu; e Santo Agostinho pôs as coisas claramente no seu novo pé, dizendo assim:

— Festejamos o dia 25 de Dezembro, não por causa do nascimento do sol, mas sim em honra do nascimento d'Aquêle que criou o sol.

Compreende-se o simbolismo das festas pagãs do solstício de inverno. *Solstício* quer dizer «paragem do sol», paragem aparente, está claro. E' o tempo em que o sol, tendo-se afastado, no seu giro aparente em volta da Terra, à máxima distância do Equador, parece estar parado alguns dias, antes de começar a aproximar-se outra vez do Equador.

A sensação de prazer que todos nós, meridionais, experimentamos quando os dias começam a crescer, devia ser muito mais intensa entre a gente do Norte, cansada das longas, escuras, frigidíssimas noites de inverno, quàsi polar, mal compensadas por três ou quatro breves horas de dia claro.

Santo Agostinho tinha razão, dizendo que em 25 de Dezembro se deve celebrar não o sol, senão Aquele que o criou. Mas o povo terá talvez, a seu modo, ainda mais razão do que o sábio doutor da Igreja, quando mistura fé com sentimento, religião com poesia, e define Deus pelo sol, que é das maiores e mais belas das criações divinas, talvez a mais benéfica para as criaturas de Deus, que sem o sol não poderiam viver nem adorar o Criador. Por isso muito bem canta o nosso povo:

Em Belém à meia-noite,
Noite de tanta alegria,
Da Aurora nasceu o Sol,
Nasceu Jesus de Maria.

A Virgem é a aurora, Jesus o sol. Haverá maneira de exprimir com mais alta poesia uma verdade transcendente da fé popular? Nós falamos por analogias, por imagens; pensamos segundo o que vemos e sentimos; porque a nossa inteligência é limitada, temos de assimilar o abstracto através do concreto, de conceber e definir o infinito segundo as relatividades que nos rodeiam. Para sentir e explicar a nós próprios o «esplendor da verdadeira luz» não temos melhor do que o sol; por isso o poeta-povo, tão grande por vezes, inventou a lindíssima trova que vos disse; por isso, outros poetas, e dos melhores, lá vão socorrer-se da mesma imagem, como António Corrêa de Oliveira naqueles seus lindos versos das *Parábolas*:

Logo depois do Natal,
Por sinal
Que o solzinho amanhecera
Tão novo, alegre e contente
Tão menino em sua luz
Que dava vontade à gente
De preguntar quem nascera:
Se fôra o sol, se Jesus...

Nas próprias festas populares portuguesas há vestígios dos antigos cultos da luz e do fôgo; o cepo do Natal, e as fogueiras do Natal que em certas regiões do País se acendem nos adros das igrejas ou junto dêles, braseiros onde por vezes se queimam dezenas de enormes troncos. Veja-se porém a grande diferença entre a fecundidade inspiradora das festas litúrgicas da Igreja e a estéril fogueira que não deixa senão cinzas...

Do Natal católico surgiram, para a literatura, os mistérios e autos sacramentais; para a música, os vilancetes pastorais e outras canções religiosas, os hinos e corais que elevam e arrebatam as almas; para as artes plásticas, as maravilhas da pintura e escultura sacras, os retábulos, os polípticos os presépios, e essas catedrais góticas, em que o mineral cria asas e a pedra se faz prece e sobe ao céu como grito ou soluço.

Aliada à poesia, a religião católica excitou, guiou e fecundou o génio dos artistas, dando origem a uma florescência de beleza nunca atingida antes, na sua elevação, profusão e variedade. Acusaram-na por isso de teatral os que julgam possível conduzir os homens por caminhos inumanos; os que misturam razão com realidade; os que querem prender em grilhetas lógicas a saùdade ou a ânsia de uma vida melhor; e êsses nossos amigos espertíssimos, que nos aconselham a não acreditar na existência de Deus, e acreditam piamente na sua própria existência dêles, coitaditos.

Há dois ou três anos uns poucos de malucos pretenderam acabar, na Alemanha, com a festa do Natal, que é a mais querida do povo alemão; mas o bom-senso popular pôs ràpidamente no seu lugar êsses devaneadores que tratam criaturas humanas como abstracções e imaginam que o raciocínio prosaico tem mais poder e mais direitos do que a poesia e o sentimento.

Assim como entre nós se volta agora a tradição nacional e católica do Presépio, assim era e é impossível desterrar do Natal alemão ou escandinavo o pinheiro do norte e substituí-lo pela fogueira pagã dos antigos germanos.

Há quem explique a prática de enfeitar e iluminar a chamada árvore de Natal pela antiga lenda islandesa de certo abeto que nas noites de Natal aparecia com os galhos a rebrilharem de luz fortíssima, resistente a todos os vendavais. A interpretação mais simples e mais natural dêste símbolo estará antes em que o pinheiro é, no alto norte, a única árvore que verdeja no inverno, quando tôdas as outras, com os ramos despidos, torcidos e côr de ferrugem nos parecem, a nós, meredionais, imagens do desespêro. Com a árvore do Natal se manifesta portanto a esperança na ressurreição da verdura e da fertilidade. E por aqui se vê como é artificial ou forçada a sua importação em países como o nosso, onde o inverno está longíssimo de parecer, como é realmente no norte da Europa, a morte ou o letargo de tôda a vegetação.

Com a sua graça inegável e a sua poesia, o pinheiro do Natal é exótico entre nós. Não creio que o seu uso se deva atribuir, como pensam alguns, a manejos maçónicos e a quaisquer propósitos subterrâneos de minar as nossas crenças religiosas, mas sim, e muito inocentemente, à influência de mestras alemãs, até católicas, nas crianças portuguesas suas pupilas.

Se a árvore simbólica do Norte conseguiu insinuar-se cá no Sul, deve o muito principalmente ao seu sentido poético, e prova a tese que se pretendeu defender nesta conversa: a religiosidade e a poesia são ambas filhas de Deus; são irmãs e devem ser sempre companheiras e amigas.

Foto MARTINEZ POZAL

«...o cepo do Natal e as fogueiras do Natal, o que em certas regiões do país se acendem nos adros das igrejas.»

Menino Jesus do povo

por Maria Joana Mendes Leal

Foto: COTTINELLI TELMO

No Natal não há nada que dê mais gôsto do que armar um presépio na nossa casa. E' doce a alegria de termos o Menino Jesus, Nossa Senhora e S. José como hóspedes bem-amados no seio da nossa própria família.

A nossa ternura pelo Menino é tão grande que beijamos a sua imagem e as mais lindas flôres nas mais lindas jarras dizem-lhe ainda quanto lhe queremos.

Ao contemplar o presépio, o gesto ingénuo dos pastores, que levaram ao Menino os seus presentes, desperta em nós também o desejo de dar.

Que havemos de oferecer Àquele que é o Senhor de tudo?! Para Si, Êle só nos pede uma coisa: o nosso coração!

Mas êsse Menino disse um dia uma palavra misteriosa que pelo Natal multiplica pela terra inteira o presépio de Belém: «Tudo o que fizerdes aos pequeninos, a mim o fareis».

Cada criança é um Menino Jesus a quem nós podemos cobrir a nudez, afagar e alegrar com brinquedos...

Tenhamos a «devoção» do Menino Jesus do povo.

Lembremo-nos pelo Natal das criancinhas pobres: será a melhor maneira de mostrarmos o nosso amor ao Deus Menino.

O NATAL E OS PINTORES

por João Ameal

FRA ANGÉLICO
«...as atitudes tomam o ar ascético das aparições de vitral»

A VIRGEM E O MENINO (Pormenor do Presépio. Corregio)
«...a Mãe de Jesus surge amorosa e cândida, olhos perdidos na contemplação deslumbrada do Filho»

O crítico de arte Robert de la Sizeranne estudou um dia, em algumas dezenas de páginas, a interpretação dada, através das diversas escolas de pintura, à cena culminante da Natividade de Cristo. E' extremamente curioso observar como são diversos os pontos de vista e, mesmo, o espírito religioso, que caracterizam, através dos tempos, os autores e as escolas.

Há os ingénuos e os realistas: os devotos e os aparatosos; os misteriosos e os violentos. Sente-se, nuns, a clara exaltação da Fé, o místico transporte com que se entregam à sua obra: os tons velam-se, as linhas purificam-se, as atitudes tomam o ar ascético das aparições de vitral. Noutros, domina a preocupação de rodear de pompas o grande acontecimento: os artistas perdem a timidês fervorosa e buscam, sobretudo, dar-nos um espectáculo de magnificência. Noutros, emfim, domina o intuito de tudo reduzir à simples e humana realidade — como se apenas se tratasse de interpretar uma cena de vida humilde e primitiva.

Robert de la Sizeranne não define a sua preferência.

Eu, não hesito em confessar-me admirador dos primeiros, que se diria pintarem como quem reza e se mostravam humildes e assustados ao tratarem o divino tema...

A personagem que mais flagrantemente varia, nas sucessivas interpretações do Natal, é a Virgem, gloriosa na sua maternidade de Imaculada. Em certos quadros, a Mãe de Deus surge amorosa e cândida, olhos perdidos na contemplação deslumbrada do Filho.

E' uma comovente estátua de ternura: um clarão irradia dos seus olhos doces e do nimbo que, sôbre a cabeça, fulgura. Como reconhecer esta visão de Amor Santo na hirta e fria Virgem de outras telas? Aqui, temos diante de nós uma Raínha hierática, de olhar fixo e compostura magestósa, em quem apenas se adivinha uma cismadora ausência espiritual. Contraste absoluto com a madona rústica de outras composições — exuberante de alegria humana, feliz à maneira da terra, contente pelas homenagens que rodeiam a criança que gerou.

Os Reis Magos também sofrem notáveis alterações.

Ora entram, com submissas mesuras de servos e se curvam ante o Menino-Soberano, a quem prestam vassalagem; ora chegam em procissão de espavento, a rutilar de brocados e joias, como que a afrontar a miséria luminosa do estábulo com as suas galas de grandes senhores. Por outro lado, em certa tábua seiscentista, apresentam-nos uma espêssa bonomia de burgueses, envoltos em pesadas vestes, carregados de mil presentes — caras risonhas a saüdar o pequeno Redentor no berço.

E os pastores? Estranha galeria, também! Ei-los, primeiro, amedrontados e hesitantes, com suas largas faces atónitas; depois, já a tomar parte na festa, num bailado juvenil de zagalos; mais longe, em cada um surpreendemos extranho alheiamento, que os deixa rigidos e meditativos, os imobiliza em comovida adoração.

A nuvem flutuante dos anjos não toma sempre igual valor nos diferentes quadros: umas vezes etérea, impalpável, cheia de ligeiras cabeças-flores, por entre neblinas fulvas; outras vezes, gravadas em vivos contornos, róseas grinaldas de carne tenra donde sobressaem anéis de cabelos de oiro; outras vezes, formada por olímpicos serafins, a unir o Céu à Terra numa cadeia de frescura anunciadora...

O mais interessante, porém, e o mais significativo — a-pesar-de o não sublinhar como devia Robert de la Sizeranne — é o facto seguinte: em tôdas essas variadas interpretações, um só vulto se mantém igual a si próprio, centro e senhor de tudo: o Menino-Deus. Sempre o recém-nascido abre um riso divino para as alturas donde acaba de descer e que os seus olhos ainda vêem, para além das distâncias sem fim; sempre os seus pequenos braços se abrem também — para o Mundo pecador e para os homens que vão crucificá-lo...

ADORAÇÃO DOS MAGOS (Botticelli)

«Noutros, domina a preocupação de rodear de pompas o grande acontecimento...»

bonecas

por *Màmia*

Foto: ABRANTES

Já não se usa brincar com bonecas?

Irão passar de moda?

Não, por certo. Dantes os brinquedos eram absolutamente distintos para rapazes e raparigas; apenas hoje, que a vida no jardim se tornou obrigatória para os pequeninos, as bonecas foram um pouco postas de parte para dar lugar à «trotinette» e outros brinquedos de ar livre.

As bonecas são de todos os tempos.

Existem algumas nos principais museus que se podem datar de quinhentos anos antes de Cristo, e mais ou menos de todas as épocas. elas aí estão guardadas a atestar o eterno instinto maternal, e a dar-nos a preciosa documentação de trajes das épocas remotas.

Em pouco tempo nós assistimos à transformação por que têm passado desde a infância das nossas mães até hoje. Há quarenta anos, as melhores bonecas, as mais ricas, não eram para brincadeiras... Os seus vestidos farfalhudos, sobrecarregados de folhinhos plissados, laços, sedas, tule, etc. não podiam ver o sol; as cabeças de «biscuit» requeriam segurança de mãos, e por isso elas passavam a «vida» às escuras no sofá da sala bafienta, muito direitas conforme tinham vindo da loja! E quem sabe quantos ralhos teriam ouvido as suas donas alguma vez que se atrevessem a ir de fugida experimentar despi-las!

Vieram felizmente as bonecas de «celuloide», as primeiras ainda com figura de meninas, hirtas e frias, tôdas iguais.

Depois, já articulados os braços e as pernas, figurando «bébés» cheios de semelhança e perfeição. Por fim, de massa inquebrável, de feltro, de malha, laváveis, com vestidos de tirar e pôr, com olhos de abrir e fechar, com fala, tudo em suma; tôda a *felicidade* para a criança que a possuir!

Tôda a *felicidade*? Que sabemos nós?

Como poderemos avaliar o que se passa no coraçãozinho de uma possuidora dessas bonecas maravilhosas ao ver na rua uma pobrezinha abraçada à sua mona de trapos?

Mesmo que o não diga, esta sente o desejo de ter uma igual, e a outra, num olhar, dir-lhe-á: «Tu não tens uma filha assim».

Aquela que tem a boneca completa tem tudo feito, pouco mais lhe resta idealizar. Sente a obrigação de fingir, dentro de sua casa, que leva a filha à escola, à rua, às visitas e às compras...

A da mona de trapos tem tudo por fazer. Ela vê braços e pernas onde só há cabeça, vestidos onde só há trapos os quais veste e despe cem vezes, lava-a, bate e ralha como vê fazer.

Sempre e em tôdas as crianças o sentido de acarinhar e educar, vibra tanto com uma boneca de grande preço como com aquela feita à sua vista, pelas mãos de sua mãe.

Para nós, pessoas crescidas, é que são os requintes de perfeição e beleza das bonecas modernas. Se são realistas, como vivas, apetece-nos beijá-las. Se são cómicas, caricatas, só nós lhe compreendemos a graça.

Os nossos corações prendem-se enlevados numa linda boneca como num lindo bébé que cruza o nosso caminho ao colo de sua mãe ou dormindo no seu carro de passeio.

Qual a rapariga que não assiste com gôsto à instrução prática de puericultura?

Haverá alguma que em pequena não gostou de bonecas?

Êsse gôsto não se perde mais — e vai reflorir no contacto com as pequenas bonecas vivas e «cheias de graça» que são tôdas as criancinhas...

O Tema do Natal na Arte

por Diogo de Macedo

Tapeçaria

NO vocabulário especial da arte, da crítica e das definições de ateliê, chama-se ao tema de inspiração, ao assunto das composições, ao objecto ou cênas características dos quadros, modêlo do natural ou criação da fantasia, isto é, ao motivo predominante na concepção das obras de arte, simplesmente *Motivo*. Esta palavra define sumàriamente quanto muitas outras variáveis explicariam em pormenores de maior precisão.

Assim o motivo da *Natividade* e os das suas relacionadas *Adorações* — dos pastores, dos reis, dos anjos —, são aqueles que a par da cêna dolorosa do *Calvário*, maior número de obras-primas têm inspirado aos pintores de todos os séculos de Cristo, de tôdas as terras e de tôdas as escolas. Não há templo, palácio ou museu célebres do mundo onde êsse motivo não surja como obra destacável no conjunto doutros quadros. Em frescos, tábuas, livros iluminados, mosaicos, vitrais, panos e rendas, em todo o lugar onde o desenho, a côr e a emoção artística dominem, êsse motivo é fatalmente recordado e sempre com explendor de beleza. E o que acontece na pintura, repete-se na escultura em todos os materiais, em todos os gostos e sempre com admirável engenho. Nesta arte, de resto, se iniciou o culto plástico em barro e prata, a par do culto litúrgico, da *Natividade*, que data do século IV.

Marfim, século XIII

O motivo do *Natal*, da representação do *Presépio*, tornou-se, pois, para os artistas antes e depois da reconstituïção mística e poética de S. Francisco de Assis baseada na tradição descrita por S. Jerónimo como se a houvesse assistido ao natural, a mais comovida concepção do seu génio. É que do mistério divino do *Nascimento de Jesus*, em todo o artista, que é homem privilegiado de visões e evocações, brotou, por assim dizer, dum preito de gratidão a Deus pela realidade do seu próprio nascimento. Assim se explica muitos dêsses artistas terem retratado sob a pureza expressiva da face da Virgem, os traços evocativos das próprias mães. Tal motivo sublime, de fantasia e de verdade, divino e humano ao mesmo tempo, tem guiado o coração e a sabedoria dos plásticos a render também graças à Natureza, pela benção de todas as maternidades na terra.

O *præsepium* que Santa Helena, mãe do imperador Constantino, glorificou com a construção de basílicas em sua honra, representa a memória agradecida da Humanidade pelo sentido elevado da sua fé espiritual.

Gloria in excelsis Deo in terra pax hominibus!

Pela mesma causa latente no sub-consciente dos artistas, é igualmente notável o número de obras de arte onde figura como motivo principal a imagem da Virgem com o Menino ao colo. E o culto da Senhora da Espectação deu motivo a avultadas e semelhantes criações, na concepção iconográfica dos artistas. O tema do *Natal*, desde a *Anunciação*, com todo o mistério original e depois os actos naturais e pitorescos e aquêles que a imaginação dos plásticos criaram em seu redor, ainda que sujeitos às lições impostas pela Igreja, além de santos e maravilhosos, foi vivido, sentido, visionado como nenhum outro no espírito e na comoção sentimental dos poetas, que artistas são também.

Presépio, (por Roger de Villiers) Arte Moderna

Alguns pintores houve na antigüidade que realizaram, sempre com variantes na repetição do motivo e acrescentos estéticos nas composições decorativas, dezenas de *Natividades* e *Adorações*. Na Itália, principalmente, desde os primitivos aos do Renascimento e aos dos dois séculos imediatos, pode dizer-se que centenas e centenas de pinturas representaram aquelas cênas. E na escultura, ainda desde o domínio dos romanos até aos admiráveis persepes do século XVIII — que só tiveram rivais nos nossos da mesma época —, outras tantas obras primas se criaram de igual inspiração. Do Oriente para Ocidente essa sugestão de beleza e de ternura encheu o mundo todo com maravilhas de arte. E consoante os povos se firmaram e tomaram independência de nacionalidade, sem receios às crenças opostas doutros povos, asiáticos ou europeus, nunca os artistas pararam de reproduzir com maior ou menor fantasia e graça, as cênas cristãs que iniciaram a fé e a era que nos guiam há dois mil anos.

Faiança esmaltada, século XV

Querem milagre maior do Menino Jesus?

Corramos também as galerias particulares ou públicas de Portugal. Folheemos os livros santos, de Horas ou outros; rebusquemos nos museus e nas igrejas as tábuas dos pintores antigos e as telas dos modernos; visitemos os altares para admirar as imagens, relevos, peças de ourivesaria, marfim, paramentos e toalhas de ofícios, armaretes e redomas com presépios de grandes artistas ou de amadores devotos; anotemos os azulejos, os remates de talha, os portais magestosos, as gravuras, as estampas populares, tôda a criação religiosa e artística de erudita cultura ou de modesta intuïção do povo, e logo constataremos que Portugal foi também grande na concepção e transmissão daqueles motivos benditos do Natal de Jesus. E orgulhemo-nos de quanto por nossa herança também o Brasil criou nesse sentido, assim como quanto as missões têm alcançado nos dotes primários dos artistas natos nas nossas colónias ultramarinas.

Louvemos a aparição em Belém do Menino Jesus, que tantas e tão formosas obras de arte tem inspirado aos plásticos do mundo inteiro.

Presépio pequeno, atribuido a Machado de Castro

Foto MARTINEZ POZAL

POESIA DO NATAL

por Adolfo Simões Müller

NATAL é sinónimo de poesia. Mesmo para os que não crêem, é uma palavra que não se profere sem que se rasgue, como que por encanto, ante os nossos olhos, uma cortina pesada, para nos deixar ver aquêle mundo de maravilha e graciosidade a que está presa sempre, por um fio doirado, um pouco da nossa infância.

Natal! A gente pronuncia baixinho esta palavra mágica. E é preciso ter-se tido um passado muito triste, para que ela não nos recorde logo uma quadra de beleza, com o presépio ingénuo e cheio de anocronismos, a missa do Galo nas ermidinhas de neve, a consoada interminável e doce, todos êsses costumes que, na noite maior do ano, celebram o nascimento do Menino que vinha pôr termo à noite da vida.

Se o Natal é, assim, a própria poesia, como não havia de andar nos versos e no coração dos poetas, sobretudo dos poetas portugueses, que viram principiar a sua dinastia, com el-rei D. Dinis, sob o perfume de um milagre?

A nossa lingua nasce. E balbucia ainda e surgem logo os colóquios de presépios e as «cantigas sagradas de folia», como aquela velha cantiga do século XV:

Da rosa nasceu a flor:
Jesus, nosso Salvador!
Virgem sagrada!

Talvez já então o povo cantasse como canta agora:

Em Belém à meia-noite,
noite de tanta alegria,
da Aurora nasceu o Sol,
nasceu Jesus de Maria.

Repare-se no paralelismo das imagens: da rosa nasceu a flor, da aurora nasceu o sol. É difícil encontrar-se maior simplicidade e maior delicadeza, para se traduzir o milagre do nascimento de Jesus. Êsse poder, no entanto, conserva-se através de tôda a nossa literatura. Vem Gil Vicente, o mestre do nosso Teatro, e canta o mistério da Natividade, entoando cânticos e hinos à Virgem Gloriosa, à «Donzela Dourada» que deu à luz o «formoso cachopinho». E, numa suave paráfrase do Evangelho de S. Lucas, que depois havia de seduzir tantos poetas, põe estes versos na bôca do arcanjo S. Gabriel:

Oh! Deus te salve, Maria,
cheia de graça graciosa,
dos pecadores abrigo.
Goza-te com alegria,
humana e divina rosa,
porque o Senhor é contigo.

A obra de Mestre Gil está cheia de referências ao Natal. Desde o seu primeiro auto, o «Auto pastoril castelhano», até ao da Mofina Mendes, que se deveria ter chamado «Mistérios da Virgem», quantas alusões ao nascimento do Menino e a Nossa Senhora, «romeira da cristandade»! Lembro-me, ao acaso, do «Auto dos Reis Magos», do «Auto Pastoril Português», de fundo sabor beirão, do «Auto da História de Deus», e, finalmente, da cena final do auto da Mofina, quando a Virgem aguarda a hora anunciada. A pobreza era tanta que a candeia estava apagada. Saíra a Fé a buscar lume, mas voltara sem êle. E a humildade pedia que tivevem piedade da «Senhora peregrina»:

que está nesta escuridade,
sendo princesa divina,
para exemplo dos senhores,
para lição dos tiranos,
para espelho dos m undanos,
para lei aos pecadores
e memória dos enganos.

Também Camões evoca Jesus no presépio, que «pobreza representa»:

Mas tanto por ser pobre já merece
que quanto mais o é mais lhe contenta

Pode dizer-se, sem exagêro, que não há poeta, na nossa história literária, que, pelo menos uma vez, não tenha tomado para motivo dos seus versos a doce vinda do Redentor. Até o próprio Guerra Junqueiro, o iconoclasta irreverente da «Velhice do Padre Eterno», exalta a suavidade das palhinhas:

Sôbre a palha loura
dorme, a rir, Jesus:
tudo a rir se doura
de inocente luz.

Entre os poetas dos nossos dias e citando quási de côr e sem a preocupação de esboçar sequer uma antologia natalícia, lembro-me agora de António Feijó e Fernando Pessoa. O lírico inimitável de «Bailatas» descreve a Tragédia dum pequenito vendedor de jornais sonhando talvez

ao frio, à neve, ao luar dormente.
com o presépio de Belém...

Há também uma funda melancolia nos versos de Fernando Pessoa, ao dizer:

E como é branca de graça
a paisagem que não sei,
vista de trás da vidraça
do lar que nunca terei!

Cada poeta vê o Natal à sua maneira Cada poeta canta de preferência um pormenor. Teixeira de Pascoais relembra a aldeia da sua infância:

Bandos de virgens, pela noite morta,
cantam ao Deus Menino...
E um canto repentino
ouviu-se, agora mesmo, à nossa porta:
São chegados os três Reis
à lapinha de Belém...

António Sardinha e António Correia de Oliveira elevam os olhos e as almas para o Menino, ao pensarem no simples menino que lhes morreu. O poeta da «Chuva da Tarde» entoa um hino em honra da casa de Nazaré:

Casinha branca, asseada,
ó casa de Nazaré,
louvada sejas, louvada,
por quem no Céu tenha fé!

Mas o lar fica vazio se um filho morre. Por isso António Correia de Oliveira suplica:

........Silêncio! Afinal,
houve alguém nesse Natal,
a quem morrera o menino!

E, depois, já noutro livro, é o Natal no Céu. A mãi, o fuso parado, olhos em lágrimas, sonha o filho morto:

Sonhei, e vi-o, entre as flores,
hinos, estrêlas e amores
do alto Presépio divino.
E a Virgem, mostrando-o ao colo:
—Olhai! É mesmo um consôlo...
Lembra Jesus em Menino!

E é êle ainda quem, numa reminiscência talvez de quadra do povo, diz, ao ver surgir a luz, logo depois do Natal,

que dava vontade à gente
de preguntar quem nascera:
se fôra o sol, ou Jesus.

Afonso Lopes Vieira escreve o seu «Conto de Natal», em que há um misto de amargura e de revolta. Eugénio de Castro, esquecidos já os leões da «Salomé», tece a canção da jumentinha do presépio. daquele curral.

miserável, negro e imundo,
mas que veio a ser depois
o maior trono do mundo!

O Natal sugere a Augusto Gil algumas das suas mais belas páginas que são, sem dúvida, um momento de luminosidade na clara poesia portuguesa. Tal como Ramalho Ortigão, aponta os anacronismos e o pitoresco delicioso dos presépios dos oleiros humildes. Mas é com enlevo e ternura que descreve:

O Menino que está deitado,
entre as radiações dum halo,
num loiro feixe de palha;
e uma vaquinha, ao seu lado,
acerca-se a bafejá-lo
e mornamente o agasalha.

Herdeiro da sua lira, Silva Tavares lembra o poeta da «Alba Plena» na «Balada da Neve», quando pregunta, ao visionar a noite de Natal:

Senhor: o que há-de ser dos pequeninos nus,
sem lar e sem um pão que lhes abrande
mais um dia de fome sôbre a terra?

Fernanda de Castro lembra também os humildes que, nesse momento, dirigem as suas preces a Deus, ao mesmo tempo que os poderosos:

Natal, Natal de luz, suave comunhão
do pobre e do feliz numa mesma oração!

Recordo, finalmente, o Padre Moreira das Neves que liga a ideia do nascimento de Jesus ao culto português pelo Menino, dando-nos êste diálogo entre uma criança e sua mãi:

— Mas olha, mãi, se Deus voltasse à terra,
para acabar no mundo com a guerra,
onde seria agora o seu Natal?

— Tanto nos quere o seu amor imenso
que eu, meu filho, não sei, mas sonho e penso
que viria nascer em Portugal!

O Natal de Jesus! Já lá vão quási dois mil anos... Foi — quem sabe? — numa noite fria e negra como a de hoje. Mas não em Portugal. Muito longe daqui. Nem Portugal existia ainda. A boa nova enchera o Mundo e iluminara o próprio Céu, como se a Estrêla de Belém brilhasse mesmo nas palhinhas do presépio. E, atraídos pelo som imortal e infinito de um simples vagido do Menino, chegaram, com suas oferendas preciosas ou suas vitualhas humildes, ricos e pobres, senhores e zagais.

Os reis sabemos todos que vieram do Oriente e que traziam o oiro, a mirra e o incenso. Eram o poder da Terra que ajoelhava ante o poder do Céu. Mas os pastores, de que ninguém aponta a origem, teriam vindo, sem dúvida, do Ocidente. E nas suas mãos calosas e morenas como torrões do solo, havia mel e frutos e cordeirinhos e flores silvestres.

Pertencerá a outros povos, mais poderosos ou mais fortes, o manto de Belchior, o cetro de Gaspar ou a corôa do terceiro Mago. Portugal prefere reivindicar o velocino, as botonas ferradas, o chapeleirão, o cajado e a avena, que teria herdado dos pastores anónimos.

Os Reis perderam-se no caminho da volta... Os pastores do Ocidente regressaram, porém, à terra e nunca mais esqueceram, nem os seus descendentes, os trilhos ásperos que levam à esperança e ao presépio... E êles lá andam, hoje como outróra, pelo córrego das serras, entre abismos e fráguas pelas veredas do vale, entre cardos e trigo... E agora, como então, na sua fala rude, como os poetas cultos nos seus versos perfeitos, têm sempre uma cantiga para glorificar a noite do Natal:

Esta noite, à meia noite,
ouvi cantar ao Divino:
eram os anjos do Céu
a embalar o Menino!

Figuras de presépio

NATAL ÚLTIMA PALAVRA DE DEUS

por D. Gabriel de Sousa O. S. B.

NATIVIDADE (Botticelli)
Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade!
(Pormenor interessante: o abraço de paz dos Anjos aos homens)

«De muitas e variadas formas falou Deus outrora aos patriarcas pelos profetas; ùltimamente, nestes dias, falou-nos a nós por Seu Filho e herdeiro universal» (S. Paulo, epistola da III missa do Natal).

A palavra é a expressão da idéa.

No homem o conhecimento é discursivo e complexo, e por isso tem necessidade de muitas palavras para se exprimir. Em Deus, porém, não há complexidade alguma, tudo é simples e claro, tudo é luz: «Deus é luz e nÊle não há trevas de qualquer espécie», diz S. João; por isso, Deus diz-Se *numa só palavra — o Verbo.*

O homem adquire a noção das coisas, elabora as suas idéas múltiplas, pelo raciocinio. Em Deus há só um conhecimento, uma só idéa simplicissima e infinitamente perfeita, idéa que é acto puro e não se distingue da própria essência divina. Por isso, Deus só tem uma palavra, e dizendo-a diz tudo, diz-Se todo. E como ab æterno Se conhece, desde todo o sempre Se exprime. E a expressão eterna de Deus por Si próprio é o Verbo: In principio erat Verbum...

Mas essa Palavra, única, essencial, sempre igual no seio da Trindade Santissima, disse-a Deus ao mundo em tons diversos, através dos tempos. Não que ela variasse

de sentido (o sentido dela é Amor); *mas revestiu acentos diversos, de encanto e carinho.*

Disse-a, omnipotente e fecunda, na criação, corporizada num Fiat *todo-poderoso, que arrancou do nada o universo inteiro.*

Disse-a, tonitruante e solene, no alto do Sinai, pão aos pedaços para alimento de rudes espíritos, materialistas e grosseiros.

Disse-a, ameaçadora ou confortante, de modos mil, nas objurgatórias e pareneses dos profetas.

E disse-a, por fim, pão em pequeninos, desfeita em leite de Graça, para filhinhos mimosos; disse-a (disse-Se) *em abreviatura, fácil de «decorar» (aprender* de cor, *pelo coração), proporcionada à fraqueza das inteligências e acomodada às exigências de todos.*

Disse-a na Incarnação, de que o Natal é o desabrochar radiante.

O Natal é, portanto, a última palavra de Deus, breve e persuasiva. A grande Palavra Divina, eterna e infinita, aparece abreviada *(S. Bernardo). O Verbo Eterno, que criou o mundo, é Jesus feito Menino, a chorar de frio e fome, numa desabrigada furna, sôbre palhas, ao relento.*

Foi êste o último tom *em que Deus Se disse: começando na humildade e abatimento de Belém e nas graças aliciantes da Infância; passando por cambiantes matizadas de fôrça e ternura, e rematando na imolação redentora, na prova real e máxima do Calvário e prolongando-se em sonoridade vibrante na Eucaristia — sílaba final, que penetra as almas em ondas de divindade assimilável.*

Se o mistério da redenção pela Cruz constitui a sílaba tônica — o Natal, com a Incarnação, forma a sílaba primeira, a raiz semântica desta divina Palavra: a última que Deus disse ao homem, para o desenganar poi uma vez:

— Ó homem! Acredita que te amo!

★

O Natal é Deus a dar-se. Jesus é o Emanuel, «Deus connosco». «Nasceu-nos um Menino, foi-nos dado um Filho» — filho da nossa raça, da nossa carne humana — «que traz o sinal do império sôbre o seu ombro» (intróito da III missa de Natal).

O Natal é Deus a dar-Se. Às inteligências: Jesus é Deus traduzido em Homem, para que o homem O entenda. Às vontades: Jesus é Verbo traduzido em Amor, para que o homem O ame. Porque Jesus não é uma teoria, mas uma realidade, e uma realidade amorosa: Verbum autem non qualecumque, sed spirans amorem.

O Natal é Deus a dar-Se... «Belém» é «Casa do Pão».

E os homens? E os homens? — De certo correrão sofregamente, sofregamente! Que lauto banquete em que Deus Se lhes serve! Que riqueza! Que riqueza!...

E não. Inacreditável, mas certo. Não. «O mundo não O conheceu; Êle veio para o que era seu, e os seus não O receberam; a Luz brilhou nas trevas, e as trevas não a compreenderam» (S. João, evangelho da III missa de Natal).

Menino Jesus (Pormenor. Botticelli)

Quere dizer: a última palavra de Deus ecoou em vão pelo mundo? Cerrou-lhe o homem seus ouvidos, «como áspide que tapa o ouvido com a cauda para não ouvir a voz do encantador e do mágico cheio de sabedoria»? (Salmos).

Parece. Ao que se vê...

Em vão gritais, meu Deus, êsse grito enorme que se chama Jesus! Omnipotens sermo tuus... *(intróito do Domingo dentro da Oit. do Natal). Com ser assim omnipotente, em vão ecoou no mundo a Vossa Palavra.*

Em vão.

— A Igreja é, na ordem das realidades, a resposta ao grito de Deus.

Mas a Igreja é um organismo em que há corpo e alma. *Ora, há muitos cristãos que pertencem ao corpo e não à alma da Igreja (membros mortos): receberam a Palavra — divina semente — mas não a deixaram germinar...*

Pois bem: agora que o Natal de Jesus se renova nas celebrações do Ciclo, é necessário que todos façam silêncio *para ouvirem o grito divino que Jesus é. E' necessário que todos* ergam *os olhos para «verem esta Palavra», porque Jesus é uma Palavra que se vê: «Vamos até Belém, e vejamos esta Palavra...» (os leitores recordam um discurso célebre de Vieira, ao lerem êste passo do evangelho da II missa do Natal).*

E' necessário que todos aprendam Jesus; que todos amem Jesus. E todos corram ao trono humilde que Êle escolheu, para lhe prestarem homenagem como a «Rei imortal dos séculos» e Lhe votarem amor incondicional como a Irmão, do qual ninguém queira desmerecer.

PRESÉPIOS DAS LUSITAS

Maria Alvaro Martins Barbosa
Lusita — Filiada n.º 29.791 — Centro n.º 46 — Lisboa

Meu querido Menino Jesus

Eu gosto muito de Ti. Prometo-te que hei-de ser muito boa menina. Leva-me para o céu quando eu morrer. Não me desampares e quando eu fizer tolices perdoa-me que eu prometo não te arreliar. Eu gosto muito dos meus pais e da minha professora, mas ainda gosto mais de Ti.

Adeus. Tua

MARIA HELENA

9 anos — Lusita — Centro 45 — Escola 2 — Bomfim — Pôrto

Maria da Glória dos Santos Lourenço
Infanta — Escola Primária 99 — Centro 58 — Lisboa

Meu querido Menino Jesus

Venho participar-lhe que êste ano trabalhei muito no berço do meu Centro. Mas isto não basta — dirá o Menino Jesus. Não, mas não fiz só isto que acabo de escrever. Durante todo o ano juntei dinheiro, comprei lã e fiz casaquinhos para os pobrezinhos. Assim como também rezei todos os dias ao Menino Jesus para dar aos pobrezinhos um bocadinho de felicidade para que êles se possam lembrar que foi neste dia que nasceu o Salvador do Mundo.

E assim como também lhe venho dizer que sou mais boazinha, porque sei que cada maldade que eu faça é uma tristeza para o Menino Jesus.

E para terminar quero fazer-lhe o seguinte pedido: para que dê a Paz a todo o mundo e que em especial guarde êste cantinho a quem tanto queremos e que se chama Portugal.

PALMIRA

Infanta — Filiada 11.075 — Centro 64 — Lisboa

Maria Elisa Cerqueira Sepas
Lusita — 7 anos — Escola Primária n.º 8 — Centro n.º 46 — Lisboa

Meu querido Menino Jesus

Desejo de todo o coração que se encontre bem de saude, eu cá vou vivendo conforme o meu Menino Jesus quere.

Venho dizer-lhe, nesta amiga e sincera cartinha, que gosto muito de Si e que farei sempre os possíveis por vos trazer na minha alma.

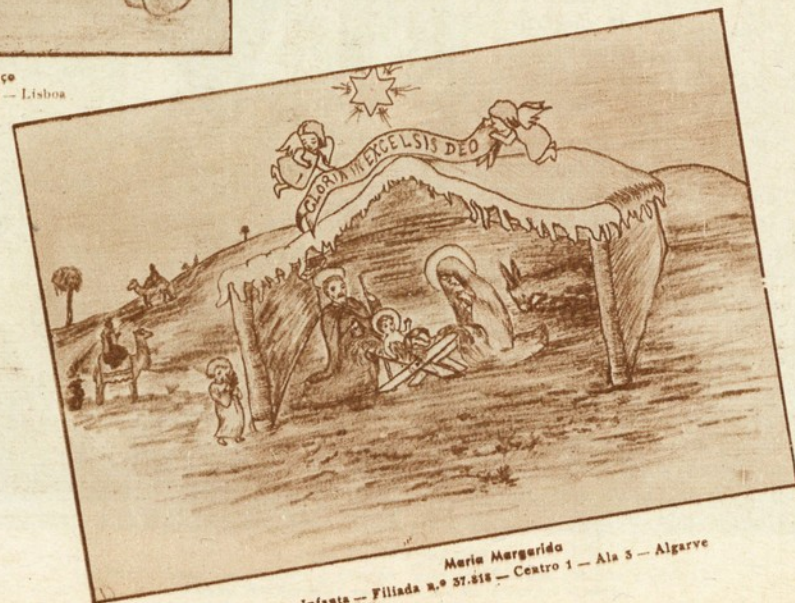
Aproveito para lhe contar que vivo satisfeita cá na terra, com tôdas as coisas que me deu, e que as acho uma obra admirável, que só o Menino poderia fazer.

Para terminar peço-Lhe que faça com que eu nunca caia em tentação; que me dê, assim como aos meus queridos pais, longos e felizes anos de vida, que faça com que a guerra acabe o mais depressa possível, a fim de se estabelecer entre os homens a paz de Jesus e que me guie sempre nos meus exames e estudos.

Sem mais, receba muitos beijinhos meus.

Sua querida amiguinha que de Vós tudo espera

NATERCIA

Infanta — 11 anos — Escola de João de Barros — Centro 20 — Lisboa

Maria Margarida
Infanta — Filiada n.º 37.818 — Centro 1 — Ala 5 — Algarve

Maria Inês Moreira Hespanha
Lusita — Filiada n.º 25.095 — Escola Primária n.º 34 — Centro n.º 45

Meu querido Menino Jesus

Quando Vós nascestes não pude levar-Vos nenhum presentinho porque ainda não era nascida. Mas agora que estamos no Natal, dia do Vosso aniversário natalício, eu venho-Vos oferecer, de prenda, o meu coração.

Fazei-me muito boa e protegei-me sempre.

Peço-Vos que me ajudeis nos meus estudos, que me façais bem comportada e boa menina. Também Vos peço que deis saúde à minha mãezinha.

Com isto termino a minha cartinha

Sou a vossa muito amiguinha

DEOLINDA

Lusita — Centro 78 — Sintra

Maria da Conceição Macedo Santos
Infanta — Filiada n.º 15.948 — Colégio Feminino Francês — Centro n.º 10

Ó meu Menino Jesus! Eu queria ir visitar-te e pedir-Te muitas coisas. Como agora não posso ir, escrevo-te esta cartinha e peço-Te do fundo do meu coração que guardes os meus bons Paizinhos e os nossos governantes de todo o mal.

Livra o nosso Portugal do perigo da guerra e não te esqueças também de mandar a paz para o mundo inteiro.

Juntamente com esta envia-te um beijo de agradecimento a que é muito tua amiguinha

CARMINDA

Lusita — 8 anos — Centro 15 — Sirarelhos — Alto Douro e Trás-os-Montes

Judite Raquel Saude
Infanta—Filiada n.º 7.756—Escola Primária n.º 28—Centro n.º 28—Lisboa

Meu querido Menino Jesus

Como Tu és meu amigo! Dás-me a alimentação, o calçado, o vestuário e tudo quanto me rodeia; deste-me também uns paizinhos tão meus amigos.

Sofreste tanto por mim e meus irmãos; deste o Teu Sangue para nos salvares; e depois disto tudo eu faço algumas maldades! Perdoa-me, sim? Não as voltarei a fazer. Hei-de estudar muito; hei-de cumprir os Teus mandamentos; tudo quanto Me disseres. Como Tu és bom!

Peço-te também, meu bom Menino Jesus, para que passe de ano e tenha boas notas. E faze que o meu Paizinho, que está nos Açores, venha depressa para junto de mim e da Mãezinha.

Mais uma coisa Te quero dizer: é que os homens se unam novamente e sejam amigos para sempre.

Com muitos beijinhos, termino esta cartinha que dirijo para o **Céu**

AIDA

Infanta — Filiada 18.090 — Centro 1 — Lisboa

Maria Cristina Andrade Santos
Infanta — Filiada n.º 30.500 — Centro n.º 1 — Lisboa

O CAMINHO DO PASTOR

por Mitza

"DLIM... dlim... dlim... Era o tilintar das campaínhas; o rebanho seguia pelo monte abaixo. Atrás vinha o pastor tocando flauta, êle mesmo a fizera com os caniços da ribeira. Não sabia lindas canções, é certo, mas para êle aquela música era suave e dôce pois nela punha toda a sua alma.

Porque seria que naquela tarde a cantiga que improvisara lhe parecia mais bela que de costume? O seu coração estava tão contente, todo o seu ser cantava... e no entanto êle não saberia dizer porquê!

Apressava-se agora o pastor pois queria chegar à choupana antes que a noite tivesse vindo. Cá fóra estava tanto frio!

Mas não era êle só, que vinha descendo a encosta. Outros rebanhos com seus guardadores aproximavam-se igualmente do vale.

A certa altura estavam os rebanhos tão perto uns dos outros que as ovelhas se misturavam e confundiam. Começaram então os pastores a discutir e a zangar-se. Quanto mais questionavam e mais grita faziam, mais se dispersava o gado. Um só pastor se não metia na questão. Um pouco afastado continuava tranqüilamente tocando flauta e velando pelas suas ovelhas.

Sùbitamente parou de tocar e ficou imóvel.

Que música era aquela, maravilhosa, que êle nunca ouvira? Já nem se lembrava das melodias que êle próprio costumava improvisar e que lhe faziam vir as lágrimas aos olhos.

Donde viriam aquelas vozes tão encantadoras? Que instrumentos fantásticos vibravam?! Tão absorto estava que não reparou nos seus companheiros. Êles continuavam na vã contenda. Aproximavam-se os coros e aquelas vozes celestes cantavam:

— Salvè! Salvè! Oh Deus nas alturas... Hosana Àquêle que vem em nome do Senhor!

Iluminou-se-lhe a face e os seus olhos faíscaram de alegria...

— Escutai o que êles dizem — gritou para os outros — escutai o que os anjos cantam!

Mas os pastores não no ouviam e continuavam em rixa.

Então o pastor correu para êles:

— Vinde, depressa, é chegado o grande dia!

Mas os outros empurraram-no para que os não incomodasse e recomeçaram a discussão com mais calôr.

Os anjos afastavam-se devagar, sempre cantando, dando glória a Deus vindo entre os homens. E o côro repetia:

— Seguí a estrêla que ela vos levará junto do Messias.

O pastor correu de novo para junto dos contendores, e agarrando um pelo braço, puxou-o com tôda a fôrça!

— Vem, vem comigo, não vês como a estrêla brilha! Deixai-vos de lutas inúteis e escutai a Voz que chama!

Mas o outro, mais forte, espancou-o dizendo:

— Olhai, está louco! O rapazola ousa meter-se nas nossas questões!

— E diz que ouve vozes e cantigas — exclamou outro escarnecendo.

— Mas não vêdes a estrêla? — bradava o pastor — não vêdes aquela estrêla além?

— O céu está coberto delas! riam-se os outros.

— Aquela é diferente! Tem mais brilho! É maior e está-nos a chamar! Não vêdes como atrai?

— Fóra com êle, que está possesso!

E correndo para o pastor, bateram-lhe com os cajados até que tombasse no chão maguado e sem fôrças...

Aí ficou, chorando devagarinho, enquanto os outros pastores desciam para o vale e desapareciam pela encosta abaixo.

. . . .

A noite caíra completamente. Apenas o assobiar do vento cortava o silêncio profundo.

O pastorinho levantou-se e olhou em redor, as suas ovelhas, espalhadas, dormitavam por aqui e por além... os cordeiritos gemiam de mansinho com o frio.

Como o céu estava lindo, tantas, tantas luzinhas acêsas! O pastor contemplava as estrêlas. Mas porque era aquela, tão grande, tão brilhante? E chamava... e atraía...

Pegou na flauta e começou inconscientemente a tocar e a andar. As ovelhas seguiam-no. Êle não sabia bem para onde ia, caminhava em direcção à estrêla, dir-se-ia que alguma coisa o puxava, mas êle nem isso notava!

De vez em quando tropeçava nas pedras, prendia-se-lhe um pé nas grossas raízes das árvores, mas êle seguia sempre, alheio a tudo. Continuava a tocar e a fixar a estrêla. Assim andou durante horas seguidas, com o rebanho atrás.

De repente a estrêla parou, e êle como que despertou dum sonho.

Ali estava o menino que os anjos diziam! Tão pequenino, tão bonito, mas parecia tão pobrezinho, deitado numas palhas!

Pareceu ao pastor que ao pé do menino estava uma mulher de joelhos, e por detrás um vulto grande, talvez com um cajado na mão... mas êle nada conseguia fixar senão o menino, só para êle olhava...

O pastor avançou devagarinho, devagarinho, até chegar bem junto das palhas, e começou a chorar.

E dizia:

— Meu bom Menino! O que vai ser de mim? Perdi-me dos meus companheiros, deixei o monte onde estava, e vim até aqui. Se tu me podes valer, acode-me, querido Menino, porque vim seguindo a estrêla, e perdi o meu caminho.

Então, coisa assombrosa, o Menino recém-nascido começou a falar:

— Não te aflijas, bom pastor, que não te perdeste! Êsses que ouviram o meu chamamento e não no entenderam, ai dêles. Mas tu que seguiste a minha estrêla, sempre em frente, enquanto os espinhos e os rochedos te entravavam o andar, feliz de ti. Não chores, pastorzinho, antes canta e ri, porquanto dentre todos tu fôste aquêle que na verdade encontrou o seu caminho, pois só tu vieste seguindo pelo caminho que a Mim conduz.

Oitava do Natal. Roma. Igreja de l'Aracoeli (Desenho ao natural do fim do século passado)

NATAL CRISTÃO, NATAL PORTUGUÊS

por **BERTHA LEITE**

NATAL cristão, Natal português, como é difícil arquivar as suas mais belas tradições!

Durante as festas do Nascimento do Senhor, mas sobretudo na véspera, há que fixar, para que não esmoreça com o rodar do tempo, a dôce visão do quadro vivo das nossas aldeias do norte.

Levavam as mães os seus pequeninos, muitas vezes ainda ao colo para que não magoassem os pésitos nas pedras dos atalhos do caminho, até à Igreja onde se armara e enfeitara o Presépio com muitas luzes e verduras, à falta de flôres nesta invernosa quadra do ano.

E tôdas as crianças levavam presentes ao Menino Jesus...

Algumas vocações precoces de prègadores se esboçavam já no acto da entrega das flôres de papel, cera, azeite e até dinheiro para o culto, e pão para os pobres.

Porque nem só na igreja de l'Aracoeli em Roma cada um dos pequeninos devia dar ao Menino Deus durante a oitava do Natal a explicação da sua ternura e levar-lhe as suas oferendas. — Também em Portugal assim se fazia.

A tradição é formosíssima; porque não a faremos ressuscitar?

Lusitas, flôres em botão do renascimento da Pátria, quereis para vós mais lindo gesto? E vós tôdas, raparigas da M. P. F., que mais bela tarefa podeis ambicionar do que a de orientar a infância no sentido de levar ao presépio de cada lugar, além da sua melhor devoção, um pequenino presente que se transforme num punhado de «pedrinhas» para o monumento a Cristo Rei?

Natal Cristão

ESCRITO POR
MARIA PAULA DE AZEVEDO

ILUSTRADO POR
GUIDA OTTOLINI

No pátio dum dos liceus, reünidas em alegre conversa, seis ou sete pequenas gosavam calmamente a hora do recreio.

Manuela era alta para os seus nove anos, loira e còrada; estava sempre alegre e risonha, achando tudo divertido na vida. Os pais eram ricos, mas pessoas de pouca educação; e o meio em que a pequena vivia, embora de gente honesta, não tinha a menor delicadeza nem religiosidade.

— O meu paisinho acha que se pode ser bom sem essas exquisitices: benzer, rezar, ir às igrejas...

Maria Luísa, filha de gente modesta, mas conservando as tradições sãs e religiosas que há tantos séculos vão passando de pais para filhos, respondeu, indignada:

— Exquisitices! Então são exquisitas as pessoas que pedem e rezam a Nossa Senhora, e que agradecem, rezando, o que Nosso Senhor nos dá?!

— E que nos ensinam o Pai Nosso e outras rezas?

— Exquisitices! — resmungou Maria da Graça, casmurra — Exquisitos são os teus pais, Manuela — concluiu.

Mas Manuela não se zangou; riu a bom rir e disse:

— Cada qual tem sempre exquisitices; e não vale zangar. Olhem lá, o Natal está à porta; vocês já pediram prendas para a festa da Árvore? A minha mãesinha já me disse que punha lá uma boneca linda para mim: destas esplêndidas, sabem? com os olhos arregalados, os cabelos em trunfa, a bôca muito bem pintadinha, e...

Maria Luísa franziu o nariz e observou:

— Detesto essas bonecas; gosto das que se parecem com a minha irmãzinha e com as minhas primas.

— Pois olha, minha rica, fica sabendo que estas que eu digo custam caríssimas e são estrangeiras — retorquiu Manuela, sem azedume.

— Mas vamos ao Natal — tornou Maria Luísa.

— Eu adoro o Natal! — exclamou Manuela.

— O teu Natal não se parece com o nosso — declarou Maria da Graça.

Uma forte sineta interrompeu a conversa; e, como um bando de pombas brancas e ligeiras, o rancho dispersou, correndo para as aulas.

Um mês depois, acabadas as férias, passada a grande e sagrada Festa que constitue, por assim dizer, a consagração máxima para os cristãos, o mesmo grupo de pequenas lá estava no pátio do liceu, falando das suas férias.

Manuela descrevia a opulência do jantar, (trinta pessoas à mesa!) as prendas ricas que recebera; e depois, à meia noite, a maravilhosa Árvore apresentada pelo Pai Natal: um velho com uma enorme barba branca e um discurso engraçadíssimo que fez rir todos a bandeiras despregadas!...

— E vocês? — preguntou Manuela, dirigindo-se às outras que pareciam não ter apreciado devidamente a sua descrição.

Maria Luísa foi a primeira a responder.

— Lá em casa foi tudo muito simples. À mesa estavam os meus ricos pais, a avòzinha, o tio, a tia e as minhas duas primas. Como não há muito dinheiro também o jantar foi pequenino e não havia perú. Mas a canja estava tão boa, tão loirinha, que a avózinha comeu dois pratos cheios até à borda! A Mãe tinha arranjado, ao pé da chaminé, o Presépiozinho de barro que lá há em casa: e o Pai pôs-lhe uma lamparininha pequenina, que se acendeu por cima do Menino! Estava lindo, o nosso Presépio, e depois do jantar tôdas nos ajoelhámos para o ver melhor e para rezarmos um Pai Nosso em côro.

O meu tio, que é muito alegre, repetia sempre:

— E' o Natal! E' o Natal! e sentíamos uma alegria no coração, por ser a mais linda festa do Ano todo, que eu nem sei explicar! — e Maria Luísa, comovida, ria de mãos postas.

— Lá em casa não é tão bonito o Natal; porque vocês bem sabem que eu já não tenho pais — disse Maria da Graça — Mas a minha madrinha fez-me pôr o sapato na chaminé... e de manhã lá estava uma bonequinha de celuloide, engraçadíssima, e uma linda imagem do Menino Jesus!

Na véspera, à meia noite, quando os sinos da freguesia se puseram a tocar, a tocar, balalão, balalão, balalão, fomos as duas à missa. A madrinha ia tão contente! e na ocasião da Comunhão lá fomos para a teia, com centos de outras pessoas, a tomar Nosso Senhor.

Quando chegámos a casa cheias de frio, e até molhadas pelos chuviscos, ainda tocavam os sinos: balalão, balalão! e beijámo-nos tão felizes que... não dissemos nada uma à outra!

— O meu Natal foi o mais alegre, afinal — comentou Manuela — Não lhes parece?

— Faltou muita coisa no teu Natal, coitada... Mas essas faltas só as sentirias se fôsses cristã como nós somos!

— O Natal é a vinda do Menino à terra, não sabes? — disse Maria da Graça — E' a chegada do Messias ao mundo que o esperava havia séculos. E' o Nascimento do Salvador, do Redentor, de Jesus Cristo!

Manuela cismava...

— O teu Natal, Manuela, é uma festa sem sentido, sabes tu? O que quer dizer êsse tal velho que vocês chamam Pai Natal? Na terra da Fräulein é que arranjam essa fantochada; mas é que começou isso por haver grande devoção com São Nicolau, e o velho representava êsse santo. Do nome dêle em alemão, Nikolaus, fizeram só Claus: Santa Claus.

Mas na nossa terra quem é que se lembra de São Nicolau no dia de Natal?

— E a escolha dum lindo pinheiro (daqueles que são parecidos com cedros), para se enfeitar com as prendas, sabes donde vem? — continuou Maria Luísa — Vem do culto da Árvore, doutra religião dos países do Norte, que, antes de serem cristãos, adoravam as árvores.

— Que exquisito! — disse Manuela.

— Até se chamavam druídas os sacerdotes dessa religião.

— Já vês que o Natal puramente cristão nada tem que ver com essa arvore, nem com êsse velho...

— Nós no Natal só pensamos em Jesus, no nosso Adorado Menino! no Seu Presépio, nas Suas palhinhas...

— Contem-me a história do Menino, querem? — pediu Manuela, vagamente envergonhada.

— Ah, não há História mais linda do que a do Menino Jesus! — declarou Maria Luísa. E, abrindo um livro, começou:

— Ouve, Manuela: «Naquele tempo, uns pastores que estavam no campo com os seus rebanhos ...»

METADE da graça de um presente, está na impressão de mistério, na fascinação da surprêsa. E é bastante fácil fazer os nossos embrulhos (pacotes) alegres e surpreendentes, desde que se lhe aprenda o jeito. Primeiro, não faça com que a decoração abranja o embrulho completamente, — fixe o envólucro com fita gomada, e depois aplique a sua fita decorativa, laços etc. puramente para encanto dos olhos.

Segundo, não denuncie o conteúdo fàcilmente, seja uma sombrinha ou uma gravata, empregue a embalagem que esconda a fôrma. Terceiro — divirta-se ao empacotar — porque as embalagens resultarão melhores.

1 — Material necessário. — Tesouras grandes. Fita gomada-transparente verde ou vermelha. Faca romba para dobrar os cantos. Para os laços, arame fino que se corte à tesoura. Tiras de celofane para embrulhos.

2 — (a-b) Embrulhar perfeitamente. Verifique se o papel chega para envolver a caixa e sobreponha o bastante para fixar, e para cobrir os extremos. Ponha a caixa invertida no centro do papel, dobre o papel e fixe a dobra com fita gomada. Dobre os cantos com a faca, esquadrie as voltas e fixe com a fita gomada.

3 (a) Faça os laços separadamente. Primeiro forme uma volta da fita entre os dedos, equilibre a seguir outra volta e depois tantas quantas desejar. Fixe ao meio e atè bem com o arame. Por fim, corte os extremos diagonalmente.

4 (a) Rosetas fáceis. — Proceda como para os laços mas com fita mais estreita, fazendo muitas ansas. Arme em circulo, e quanto mais apertar o arame, mais elegante ficará a roséta. Para melhor efeito faça duas rosetas, uma maior e outra menor, juntando-as depois.

5 — Também é fácil fazer borlas (pompons). Dobre ao meio um papel quadrado e faça cortes paralelos na dobra, deixando uma margem de centimetro e meio. Enrole como se enrola uma torta e fixe com fita gomada. Sacuda a formar borla.

6. — Protecção aos laços. — Se um laço de fantasia tem que transitar para longe, empacote a prenda em outra caixa exterior e corte um colar em cartão para colocar à roda do laço.

7 — Embalagem para o correio. Almofade com retalhos de celofane verde ou vermelha, em vez de fitas de papel pardo ou palha. Não pesa mais e é mais brilhante.

8 — Como se encaracola uma fita. Para isto é melhor fita de papel ou de celofane. Raspe com a unha ou com a faca afiada ao comprido da banda, e a fita enrola-se em pequeninos caracóis saca rolhas.